

LIÇÃO 6 - Amor e Ódio como Causas Eficientes do Bem e do Mal

TEXTO DE ARISTÓTELES: Capítulo 4: 984b 32-985b 4

“**50.** Mas, uma vez que parecem existir na natureza coisas que são contrárias às que são boas, e não apenas ordem e bem, mas também desordem e o que é vil, e as coisas más são mais numerosas que as boas, e as coisas vis mais numerosas que as nobres, por essa razão outro pensador introduziu o amor e a discórdia como causas, cada uma de seu próprio tipo de efeitos. Pois, se alguém apreende o que Empédocles disse, tomando-o segundo seu significado, e não segundo sua expressão vacilante, descobrirá que o amor é a causa das coisas que vêm a ser por agregação, e a discórdia, a causa das coisas más. Portanto, se alguém dissesse que Empédocles, em certo sentido, tanto disse quanto foi o primeiro a dizer que o bem e o mal são princípios, talvez falasse corretamente, isto é, se a causa de todas as coisas boas é o bem e a de todas as coisas más é o mal.

51. Esses pensadores, então, como dissemos, até este ponto tocaram em duas das causas que estabelecemos na Física — a matéria e a fonte do movimento —, embora de modo obscuro e sem clareza, muito como homens inexperientes se comportam em batalha. Pois estes, embora cercados, muitas vezes desferem golpes decisivos, mas sem ciência. Da mesma forma, esses pensadores não parecem estar cientes do que dizem. Pois parece que quase nunca fazem uso das causas, exceto em pequena medida.

52. Anaxágoras usa o "intelecto" de maneira artificial ao gerar o mundo. Pois, quando está em dificuldade quanto ao que é necessariamente a causa de algo, ele arrasta esse intelecto; mas, em outros casos, ele faz de tudo, exceto o intelecto, a causa do que vem a ser.

53. Empédocles, é verdade, faz maior uso das causas do que Anaxágoras, embora não o suficiente; nem se encontra em seu uso delas o que ele professou. Em muitos lugares, ele argumenta que o amor separa as coisas e que

a discórdia as reúne. Pois, quando o próprio ser é separado em seus elementos pela discórdia, então o fogo e cada um dos outros elementos são reunidos numa unidade. Mas, quando são unidos pelo amor, as partículas devem novamente ser separadas de cada elemento.

54. *Em contraste com os primeiros filósofos, então, Empédocles foi o primeiro a introduzir essa causa, dividindo-a de modo a tornar a fonte do movimento não um princípio único, mas princípios diferentes e contrários. Além disso, foi o primeiro a afirmar que os elementos, que se diz pertencerem à classe da matéria, são quatro em número, embora não os use como quatro, mas como dois, tomando o fogo sozinho por si mesmo, e seus opostos — terra, ar e água — como uma única natureza (46).*

Mas qualquer um pode ver isso estudando seus ditos básicos. Esse filósofo, então, como dissemos, falou dessa maneira sobre os princípios das coisas e seu número.

COMENTÁRIO

104. Aqui Aristóteles expõe a opinião daqueles que postularam a contrariedade em seres desse tipo, e a razão que os moveu, que é a seguinte. Parecem existir na natureza coisas que são contrárias às que são boas, porque na natureza não se encontram apenas coisas ordenadas e boas, mas, às vezes, coisas desordenadas e vis. Ora, não se pode dizer que as coisas más não têm causa, mas acontecem por acaso, porque as coisas más são mais numerosas que as boas, e as coisas vis mais numerosas que as que são incondicionalmente nobres. Mas aquelas coisas que vêm a ser por acaso, sem uma causa definida, não ocorrem na maioria dos casos, mas no menor número deles. Portanto, como efeitos contrários têm causas contrárias, foi necessário sustentar como causa das coisas não apenas o amor, do qual se originam a ordem e o bem nas coisas, mas também o ódio, que é a fonte da desordem e da vileza ou mal nas coisas, de modo que, dessa forma, casos particulares de mal e bem tenham seu próprio tipo de causas.

105. Que essa foi a razão que moveu Empédocles é evidente se alguém apreende o que ele diz, tomando sua afirmação segundo seu significado, e não segundo as palavras que ele usou imperfeitamente e, por assim dizer, de modo vacilante. Pois ele disse que é ofício do amor reunir os elementos, e do ódio separá-los. Mas, uma vez que a geração das coisas é resultado da reunião [dos elementos], em razão da qual há ser e bem nas coisas, e sua corrupção, resultado da separação [dos elementos], que é o caminho para o não-ser e o mal, fica agora evidente que ele quis que o amor fosse a causa das coisas que vêm a ser por agregação, isto é, das coisas boas, e o ódio, a causa das coisas más. Assim, se alguém dissesse que Empédocles foi o primeiro a sustentar que o bem e o mal são princípios, talvez falasse corretamente.

106. Isto é, isso se seguiria se Empédocles de fato sustentasse que o bem é a causa de todas as coisas boas, e o mal, a causa de todas as coisas más. Pois é evidente que ele postulou o mal como causa de algumas coisas más, a saber, da corrupção, e o bem como causa de algumas coisas boas, a saber, da geração. Mas, porque não se seguiria que todas as coisas boas seriam causadas pela

amizade ou todas as coisas más pelo ódio, uma vez que as partes do mundo seriam diferenciadas pelo ódio e fundidas pela amizade, portanto, ele nem sempre sustentou que o bem é a causa das coisas boas, e o mal, a causa das coisas más.

107. Esses pensadores (51).

Aqui ele mostra que, ao dar essas causas, os filósofos as trataram inadequadamente. Primeiro, ele as menciona de modo geral. Segundo (108), trata cada uma individualmente ("Anaxágoras").

Ele diz, primeiro, então, que esses filósofos — Anaxágoras e Empédocles — chegaram a uma doutrina de duas das causas que foram estabelecidas na *Física*, a saber, a matéria e a causa do movimento, embora as tenham tratado de forma obscura e sem clareza, porque não explicaram que aqueles princípios que consideravam ser as causas das coisas poderiam ser reduzidos a essas classes de causas. Mas, na medida em que postularam duas dessas causas, podem ser comparados a guerreiros inexperientes que, embora cercados pelo inimigo, às vezes desferem bons golpes, não por arte, mas por acaso. Isso é evidente pelo fato de que, mesmo que isso aconteça às vezes, não ocorre sempre ou na maioria das vezes. Da mesma forma, também, esses filósofos não costumavam se expressar com precisão, nem era seu costume falar com consciência, ou seja, como homens que sabem. Por isso, outra tradução diz: "Mas esses homens não têm ciência, nem devem ser comparados a homens que percebem o que estão dizendo." Isso é demonstrado pelo fato de que, embora tivessem proposto essas causas, quase nunca as usavam, pois as empregavam em poucas ocasiões. Parece, portanto, que as introduziram não como resultado de arte, mas por acidente, porque foram movidos a fazê-lo por necessidade.

108. Anaxágoras (52).

Aqui ele mostra em que aspecto particular a visão de cada um é insatisfatória. Primeiro, fala de Anaxágoras; e segundo (109), de Empédocles ("Empédocles").

Ele diz, primeiro, então, que Anaxágoras usa o "intelecto" para gerar o mundo e, ao fazê-lo, parece falar dele de maneira artificial. Pois, quando indaga sobre as causas da geração do mundo, ele o arrasta por necessidade, ou seja, inventa essa inteligência apenas porque é incapaz de atribuir a geração do mundo a qualquer outra causa que diferenciaria as coisas, exceto a uma que é essencialmente distinta e não misturada, e o intelecto é algo desse tipo. Mas, em todos os outros casos, ele extrai suas causas de qualquer outra fonte que não o intelecto, por exemplo, no caso das naturezas particulares das coisas.

109. Empédocles (53).

Aqui ele mostra em que aspecto a doutrina de Empédocles é inadequada; e, a respeito disso, faz duas coisas. Primeiro, mostra em que aspecto a doutrina de Empédocles é inadequada. Segundo (111), explica o que o próprio Empédocles sustentava em contraste com os outros filósofos ("Em contraste").

Ele diz, primeiro (53), que Empédocles, ao lidar com as naturezas particulares das coisas, "faz maior uso das causas" por ele postuladas (os quatro elementos, e o amor e o ódio) do que Anaxágoras, porque reduziu a geração e a corrupção das coisas particulares a essas causas, e não

à inteligência, como fez Anaxágoras. Mas Empédocles falhou de duas maneiras.

Primeiro, falhou porque não trata causas desse tipo de forma suficientemente adequada; pois usa coisas que não são evidentes por si mesmas como se fossem axiomas evidentes, como é afirmado na *Física*, Livro W, isto é, na medida em que assumiu que são evidentes por si mesmas, porque num tempo definido a discórdia domina os elementos e, noutro, o amor.

110. Segundo, falhou porque, nas questões que investiga, não se encontra o que ele professou, ou seja, o que sustentou como princípio, a saber, que o amor combina as coisas e que a discórdia as separa, porque em muitos lugares o amor deve, ao contrário, "separar" ou dividir as coisas, e a discórdia "reuni-las", i.e., uni-las. Pois, quando o próprio universo "é separado", i.e., dividido em suas partes, pelo ódio, como ocorre quando o mundo é gerado, todas as partículas de fogo são então combinadas num todo, e assim também as partículas individuais dos outros elementos são "reunidas", i.e., unidas umas às outras. Portanto, a discórdia não apenas separa as partículas de fogo das de ar, mas também reúne as partículas de fogo. Mas, por outro lado, quando os elementos se unem através do amor, o que ocorre quando o universo é destruído, as partículas de fogo devem então ser separadas umas das outras, e o mesmo deve acontecer com as partículas dos outros elementos. Pois o fogo pode ser misturado com o ar apenas se as partículas de fogo forem separadas umas das outras; e o mesmo é verdade para as partículas de ar apenas se esses elementos se penetrarem mutuamente, de modo que o amor não apenas une coisas dessemelhantes, mas também separa coisas semelhantes, de acordo com o que se segue de sua posição.

111. Em contraste (54).

Aqui ele mostra em que aspecto a própria doutrina de Empédocles difere da dos outros filósofos. Ele diz que Empédocles sustentou duas coisas em contraste com os outros. Primeiro, ele dividiu a causa que é a fonte do movimento em duas partes contrárias. Segundo, ele considerou a causa material como constituída de quatro elementos — não que ele use os quatro elementos como quatro, mas antes como dois, porque ele contrasta o fogo com os outros três, dizendo que o fogo é ativo por natureza e os outros, passivos por natureza. Qualquer um pode inferir isso dos elementos das coisas por ele tratados, ou de suas "afirmações básicas" no sentido dos rudimentos da doutrina que ele propôs. Outra versão diz "de seus versos", porque ele teria escrito sua filosofia em metros. E ainda outra versão, que diz "de suas afirmações", concorda com isso. Como foi dito, então, esse filósofo foi o primeiro a estipular dessa forma que os princípios das coisas são tantos em número, a saber, quatro, e a falar daqueles que foram mencionados.